

*Omar Khayyan*  
RUBAYAT



[www.ebooksbrasil.org](http://www.ebooksbrasil.org)

Os Rubayat  
Omar Khayyan  
Versão em português de Alfredo Braga

Versão para eBook  
eBooksBrasil

Fonte Digital  
<http://www.alfredo-braga.pro.br>

Imagens:  
Edmund Dulac (1882-1953)  
Willy Pogany (1882-1955)  
Fonte digital:  
[www.bpib.com](http://www.bpib.com)

© 2003 — Omar Khayyan

*Noite, silêncio, folhas imóveis;  
imóvel o meu pensamento.  
Onde estás, tu que me ofereceste a taça?  
Hoje caiu a primeira pétala.*

*Eu sei, uma rosa não murcha  
perto de quem tu agora sacias a sede;  
mas sentes a falta do prazer que eu soube te dar,  
e que te fez desfalecer.*

*Acorda... e olha como o sol em seu regresso  
vai apagando as estrelas do campo da noite;  
do mesmo modo ele vai desvanecer  
as grandes luzes da soberba torre do Sultão.*

Omar Khayyam

# **Sobre as traduções dos Rubaiyat de Omar Khayyam**

Alfredo Braga

Octávio Tarquínio de Souza, Manuel Bandeira, Jamil Almansur Haddad e outros de língua portuguesa, ao se depararem com os Rubaiyat, procuraram fazer as suas traduções através daquelas de Edward Fitzgerald e também sobre as versões francesas como as de Dulac, Grolleau, Toussaint e tantas outras, cada uma com os seus méritos, ou deméritos.

Num ensaio de Borges, onde se aborda a obra poética do persa, ele atribui a Fitzgerald, antes do que a simples tradução, a quase incrível e fantástica “invenção” dos Rubaiyat, e comenta certas ênfases, tanto da época, como as do próprio autor, um erudito cavalheiro que depois de longas viagens por remotos lugares, também procurava impressionar os seus curiosos e pudicos leitores, e leitoras, em seus saraus e salões vitorianos.

Fitzgerald preservou as rimas, mas carregou o texto com exagerados orientalismos e outros estilismos esperados pelos seus contemporâneos; depois os franceses, cada um à sua maneira, foram insinuando os seus maneirismos; e depois os nossos, desde então têm ido, de roldão, repetindo o justo pudor dos tradutores: aquele de se respeitar os “originais”. Mas, no caso dos Rubaiyat de Omar Khayyam, depois de novecentos anos, a que originais eles querem se referir? Aos românticos floreios? Aos voleios e volteios de um certo e afetado modo de se escrever “*poeticamente*”? Ora, mas acima de tudo, e antes de mais nada, não seria Khayyam quem nos devia interessar primeiro? Se assim for, será necessário rever os textos em que o persa desenvolve os seus cristalinos enunciados de geometria, ou de álgebra; creio que então íamos compreender melhor a voz desse poeta exageradamente traduzido: pontual, concisa, elegante; e é exatamente o que Borges nos aponta em seu *Rubaiyat*. Repare-se na sobriedade do vocabulário, na simplicidade da construção e do fraseado: É uma cuidadosa “arqueologia” da literatura, é a recuperação, mais do que a mera transcrição, de um modo de ver, de pensar, de dizer. O *Rubaiyat* de Borges é a melhor orientação para se verter Khayyam para outra taça, sem perder o fino buquê, ou a ácida agulha.

Qualquer tradução é uma opinião, e quase nunca é o que pretendia ser; será um reflexo daquilo que o tradutor alcança ver, ou pôde ver. A de Manuel Bandeira não sustenta o rigor e a finura que subsistem nos rubaiyat, à distância de nove séculos e sob a camada de muitas traduções sobrepostas. A adição de regionalismos, como o “*sei não*” (e aquelas reticências...) soa mal, não quadra, é apenas outra redução infeliz. De certo modo prefiro a de Octávio Tarquínio de Sousa: é simples, amorfa, ou ingênua e confusa, mas ainda guarda parte da perplexidade e da lúcida amargura de Khayyam, sem perder o ritmo de ponto e contra ponto entre as metáforas e as imagens.

Um homem erudito e sofisticado, que sabe da assombrosa trajetória dos astros, da pureza da rigorosa geometria e da elegante álgebra, que percebe a inconseqüente soberba dos homens sábios (e a dos outros) e caminha entre rosas, tulipas, lindas mulheres e finos vinhos, provavelmente não ia se entregar a tão imponente singeleza para falar do último gesto, daquele “*ato inelutável*” de um outro crepúsculo:

*Cavaleiro que vejo ao longe na neblina  
Do crepúsculo, aonde irá? Sei não. Por Vales  
E montanhas? Sei não. Estará amanhã*

*estendido...*

*Sobre a terra?... Ou debaixo da terra?... Sei não.*

Creio que um Patativa do Assaré, se fosse traduzir Khayyam, havia de achar outras maneiras de recontar aquela mesma inquietação, sem alterar simplicidade por rusticidade. Octávio Tarquínio, durante a sua convalescença, “*entre Cannes e Nice, em vez de decifrar palavras cruzadas*”, preferiu assim:

*Vejo um cavaleiro que se afasta  
na bruma da tarde.  
Irá ele atravessar florestas,  
ou planícies áridas?  
Aonde vai? Não sei.  
Amanhã estarei deitado  
sobre a terra ou debaixo dela?  
Não sei.*

Se formos ler os *Rubaiyat*, em qualquer tradução, também encontraremos Pessoa, ou Whitman, que não o traduziram, mas o conheciam. E quando Borges aproxima as “*negras noites e os brancos dias*” do tabuleiro do xadrez, “*rifão de Omar*”, diz ele, talvez em

resposta a este verso do persa: “Somos os *peões deste jogo do xadrez que Deus trama*”, e a este: “*Velho mundo, sob o passo do cavalo branco e negro dos dias e das noites*”, Omar Khayyam aflora.

E continua, em outros poetas; está nos dias e nas noites dos setenta e cinco anos de Walt Whitman, que também se estendem até nós, como ele queria, ou quando aquele outro de língua espanhola, ou castelhana, diz: “*Neste verão completarei cinqüenta anos; a morte me desgasta, incessante*”; Omar tinha escrito: “*Os meus cabelos estão brancos, tenho setenta anos de idade*”; e isto: “*O tempo estraga a minha bela rosa*”; e naquele outro árabe, também colhido por Borges, em seu *Museu*, que apesar do reconhecimento e da glória diz: “*Oxalá eu tivesse nascido morto.*”; essa mesma angústia aparece, de outra maneira, nos versos de Khayyam: “*Feliz a criança que expirou ao nascer; mais feliz quem não veio ao mundo.*”; e ainda aparece, em outro lugar, com Ricardo Reis:

*Tão cedo passa tudo quanto passa!  
Morre tão jovem ante os deuses quanto  
Morre! Tudo é tão pouco!  
Nada se sabe, tudo se imagina.*



*Circunda-te de rosas, ama, bebe  
E cala. O mais é nada.*

Ou esses versos ainda seriam de Omar Khayyam, noutra *Autopsicografia* de Fernando Pessoa?

São vários poetas a falar, em várias épocas, em vários modos, em vários lugares; mas o que têm a dizer, e como dizem, é tão próximo, é como se estivessem juntos, na mesma mesa daquela taverna, ou daquele bar. São esses os poetas que vão traduzindo a poesia. Quando Borges diz que os livros conversam entre si, através dos escritores, não está divagando; o diálogo continua, claro, sereno, até por entre os ruídos das traduções, e da aflita agitação das opiniões, e dos estilos. E seguem, conversando, ao lado de Khayyam e de Shakespeare (*nem mármore, nem áureos monumentos de reis hão de durar mais que estas rimas*) e de outros que, apesar de tudo, “*resistem aos tradutores e aos atores*”... e àqueles portentosos diretores-tradutores mais as suas espantosas “releituras”.



Omar Ibn Ibrahim El Khayyam nasceu em Nichapur, na Pérsia, em 1040 e morreu nessa mesma cidade em 1120.

Khayyam significa, em persa, fabricante de tendas; ele adotou esse nome em memória do pai que era fabricante de tendas.

Além de poeta Omar Khayyam foi matemático e astrônomo. Dos seus livros de ciência chegaram até nós o *Tratado de Algumas Dificuldades das Definições de Euclides* e as *Demonstrações dos problemas de Álgebra*. Em 1074, diretor do Observatório de Merv, fez a reforma do calendário muçulmano.

Rubaiyat é o plural da palavra persa rubai, e quer dizer quadras, quartetos. No rubai, o

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

